



REPRODUÇÃO



IRANDY RIBAS

Há especulações sobre o futuro do suntuoso sobrado de mais de dez cômodos construído pelo arquiteto, onde ele morou e criou os 12 filhos. O imóvel, na Av. Conselheiro Nébias, poderá dar lugar a uma concessionária

Casarão redescobre história de Bernils

Responsável por projetar prédios como o Teatro Coliseu e o Colégio Canadá, o arquiteto deixou um importante legado em Santos

CHRISTIANE LOURENÇO E
DÉBORA PEDROSO

DA REPORTAGEM

Quando partiu de Málaga, nos últimos anos do século 19, em busca de uma nova vida, o espanhol João Bernils não imaginava ter seu nome eternizado em uma cidade distante mais de oito mil quilômetros de sua terra natal. Em Santos, já arquiteto licenciado (não tinha formação universitária), o jovem projetou, na década de 20, o Teatro Coliseu como o conhecemos hoje. Quinze anos depois, assinou o projeto do Colégio Canadá.

É provável que um de seus primeiros trabalhos com reconhecimento da sociedade santista tenha sido, em 1909, a pintura do salão camoniano do Centro Português, na Rua Amador Bueno.

Mas foi no casarão do número 652 da Avenida Conselheiro Nébias que Bernils reproduziu, mais uma vez, a influência da arquitetura europeia. Foi ali que morou, construiu família e viu 12 filhos crescerem. O suntuoso sobrado tem mais de dez cômodos e uma imensa varanda, cercada por arcos e balaústres. O toque de charme veio com a construção de uma fachada coberta por azulejos portugueses.

Há 15 dias, Bernils voltou a ser notícia em Santos, mais especificamente na internet. Posts sobre o casarão branco foram publicados em rede social, com pessoas especulando o futuro do local que nos últi-



IRANDY RIBAS

Maria lembra com carinho do avô e do casarão, onde nasceu em 1937

mos 20 anos foi sede do Laboratório F. Menzen Jr. Pertencente à família do espanhol até os anos 70, o imóvel foi vendido para partilha de herança.

Mas foi a transferência de endereço da clínica, no mês passado, que despertou o interesse no sobrado já descaracterizado ao longo das últimas décadas. Sobre a demolição, nada foi confirmado. *A Tribuna* observou apenas a remoção de algumas peças. Há, no entanto, ru-

mores de que uma concessionária de veículos será instalada no terreno.

Para os descendentes de Bernils, restou a memória de um tempo em que a Avenida Conselheiro Nébias era constituída exclusivamente por imóveis residenciais. As dezenas de fotos sobre a mesa da sala de jantar da aposentada Maria Teresa Fonseca representam um doce capítulo da história.

Aos 77 anos, ela guarda com

De Málaga para Santos



certo. “Quando meu avô viu a Baía de Guanabara, no Rio de Janeiro, não resistiu e deixou o navio assim que atracado”, explica.

Mas ali, naquela embarcação ficou o coração do espanhol. Ele se apaixonou pela jovem Maria da Encarnação, que também vinha da Espanha com a família com destino ao Uruguai. Cada um seguiu sua vida. Bernils ficou noivo de outra.

Até que um dia, como em um roteiro de romance, uma jovem debruçada em uma janela despertou a atenção dele. Era a irmã de Encarnação, a jovem do navio. Seria possível? Foi caminhando pelo bairro São João da Boa Vista, em São Paulo, que reencontrou o amor. Desfez o noivado e casou com ela o mais rápido que pode. O casal teve 12 filhos. A primeira filha nasceu em 1897 na Capital, quando Bernils tinha 25 anos.

É olhando as fotos que foi reunindo com primos que Teresa se dá conta dos anos passados. Mas quando são tempos felizes, não há lamentos pelas mudanças. Mas sim a alegria das recordações.

Se lamenta o futuro incerto do casarão que guarda a história de sua família? “Desejo que a terra em que ele (o casarão) nasceu faça feliz nela outros que venham ali plantar. A vida segue. Eu nasci lá, mas não tenho o que lamentar. Bens materiais passam”, resigna-se Maria Teresa.

relatada sobre a vida de Bernils na história santista. Nascido em 12 de março de 1872, conta Tereza que o avô era de família pobre e viu no seminário a oportunidade de estudar. Às vésperas de rezar a primeira missa, confessou ao bispo de Málaga a falta de vocação.

Para surpresa do jovem, o líder religioso apoiou a postura de coragem. Enviou Bernils para ampliar a educação no Uruguai. O plano quase deu

carinho os documentos da família iniciada pelo avô João. Foi ali, no casarão europeu, que ela nasceu em 1937 e, mais tarde, no auge da juventude, se casou aos 24 anos. O local foi propriedade da família por pelo menos meio século, o que permite dizer que sua construção é de 1920.

QUASE ANÔNIMO

A não ser pelo legado arquitetônico, pouca coisa há

Canadá

Bernils também aparece nos registros do Condephaat (Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico do Estado) como projetista do prédio do Colégio Canadá. Construído em 1935/36, em estilo art-deco, o prédio tem “formas geométricas em suas fachadas” e se destaca internamente pela “grande variedade de acabamentos de

pisos, paredes, caixilhos, portas (...)”, segundo as descrições que constam no processo de tombamento do imóvel, que ainda tem um vitral que reproduz a tela de Benedicto Calixto da Fundação da Vila de Santos. É uma matéria de *A Tribuna* de 28 de agosto de 1937 que aponta Bernils como autor do projeto e o arquiteto Polydoro Bittencourt como responsável pela execução da obra.



ALEXSANDER FERRAZ - 5/6/14

Coliseu

O legado desse espanhol, que passou boa parte da vida em Santos e morreu aqui na década de 60, foi além. Ele projetou o Coliseu como conhecemos hoje. Era a segunda reforma para adaptar o local à realidade de um teatro, pois até então funcionara como uma pista de corrida. Com 2.300 lugares, a casa de espetáculos reabriu repaginada em 1924. “Quase todos os dias durante as obras, ele levava a minha tia

Nena, que era cantora lírica. Pedia para ela cantar e ficava em diversos pontos do teatro para verificar a acústica”, recorda a neta Maria Teresa Fonseca. Além das cortinas de veludo grená (tonalidade escura do vermelho), há registros em matérias do jornal *A Tribuna* publicadas durante os anos áureos do Coliseu sobre a perfeita acústica do teatro à época. O “truque” seria resultado da existência de um tanque de água embaixo do palco.



IRANDY RIBAS - 9/6/14



ALEXSANDER FERRAZ - 8/5/12

Centro Português

Imitando tecido adamacado, a pintura do salão camoniano do Centro Cultural Português que imita um papel de parede leva a sua assinatura. Ele criou adornos

com medalhões de nobreza e armas de cidades e vilas de Portugal. De 1909, a obra é mantida com perfeição até os dias atuais.